

GT50: Jê no Sul: estudos, pesquisas e atuações com os Kaingang e Laklanõ/Xokleng

Rogério Reus Gonçalves da Rosa, Ricardo Cid Fernandes

Os estudos sobre os grupos Jê do Sul ou Jê Meridionais, notadamente, os Kaingang e os Xokleng/Laklanõ, tiveram impulso nos anos 1990, com a realização de pesquisas nas principais universidades do Sul do Brasil. Essas pesquisas enfocaram temas clássicos da etnologia, tais como: ritual, diversidade religiosa e organização social. A renovação dos estudos acompanhou movimentos identitários desenvolvidos pelos próprios indígenas em reivindicações territoriais frente ao Estado brasileiro. A consolidação dos estudos Jê do Sul se deu através de dissertações, teses, monografias, artigos, audiovisual e dos encontros nos principais eventos científicos, como a RBA e a ABA, entre 1995 e 2007. Além dos resultados acadêmicos, destaca-se a formação de novos profissionais, indígenas e não indígenas, que renovam as pesquisas sobre as múltiplas dimensões da condição indígena no Sul do Brasil. Entre 2020 e 2021, através do Ciclo de Debates Virtuais Estudos Jê no Sul, promovido pela PPGAA/UFPR e PPGANT/UFPEL, estiveram reunidos pesquisadores de diferentes gerações, incluindo intelectuais indígenas além de profissionais de outras universidades e instituições (FUNAI, MPF, IPPOL e Associações Indígenas, dentre outras). A proposta do GT "Jê no Sul: estudos, pesquisas e atuações com os Kaingang e Laklanõ/Xokleng" consiste na apresentação de trabalhos acadêmicos que amplifiquem essas relações de pesquisa e intercâmbio estabelecidas.

Novos olhares interdisciplinares sobre a cerâmica Jê Meridional em Santa Catarina

Autoria:

A presente exposição reúne dados da minha pesquisa de mestrado, cujo objetivo foi revisitar a tecnologia da cerâmica arqueológica associada aos povos Jê Meridionais em Santa Catarina. Essa pesquisa propôs um olhar interdisciplinar sobre esse tipo de vestígio a partir de: a) um levantamento bibliográfico e documental envolvendo dados etno-históricos, etnográficos e arqueológicos sobre as populações Jê Meridionais no sul do Brasil (atuais Kaingang e Laklanõ/Xokleng) focalizando suas formas próprias de fazer, usar e significar a cerâmica.; b) uma análise tecnológica da coleção cerâmica do sítio arqueológico Rio Platê I (SC-VI-19), localizado no Alto Vale do Itajaí (SC); e c) uma experimentação arqueológica de reprodução dos tratamentos de superfície comuns à cerâmica Jê Meridional. Os resultados obtidos permitem situar a cerâmica do Alto Vale do Itajaí no contexto catarinense e repensar aspectos fundamentais de sua cadeia operatória.

[Trabalho completo](#)

A mata Kaingang da Terra Indígena Xaçepó/SC: o uso e o manejo das plantas Kam? e Kanhru

Autoria:

O presente estudo tem como finalidade, analisar o uso e manejo das plantas Kam? e Kanhru que se encontram na mata Kaingang da Terra Indígena Xaçepó/SC. Pretende-se destacar o estudo sobre o surgimento das marcas Kam? e Kanhru, a partir da história oral com os Kófas, mais velhos e sábios Kaingang, o que envolve a cosmologia das marcas exogâmica em relação à história de origem do povo. Também destaque o uso e manejo destas plantas feitas pelos especialistas em curas Kaingang, como os Kujás, Benzadores (as), Remedieiros (as), que usam para fins medicinais, além de preservarem e manterem os espaços onde as plantas Kam? e Kanhru estão localizadas, ou seja, dentro da mata Kaingang, no espaço territorial que se encontra a Terra Indígena Xaçepó, este território onde muitos de nós Kaingang também manejamos os espaços onde as plantas se encontram em meio à mata. Bem como, o manejo em lugares

como as hortas, onde ficam no chamado "espaço limpo", que é na aldeia, perto das casas, ao redor delas, onde não há a mata fechada. Este universo das plantas que possuem marcas, desta relação de comunicação entre o mundo dos humanos e não - humanos envolvendo o Kujá e os especialistas que utilizam muitas plantas para fazerem os chás, os remédios do mato para a população indígena e também não indígena. A comunicação com este universo dos não-humanos antes de entrar na mata, é como um acordo entre as partes para poder encontrar a planta que deseja, retirando do seu espaço com todas as suas propriedades e poder que ela possui. Compreender algumas das plantas encontradas na Terra Indígena Xapecó, o uso delas de diferentes formas, seja como remédio, madeira, lenha, alimento, artesanato, purificação, armadilhas de caça, rituais, e festas da comunidade em geral, onde algumas plantas estão presentes. Além de possuírem marcas Kaingang, as plantas possuem vida, forma, cheiro, espessura e poderes que fazem sua existência ser única e especial no mundo cosmológico e espiritual, cultural do povo.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

